

Uma cidade vira notícia

Brasília

Abro os maiores jornais do País, e lá está a cidade transformada em notícia. Folheio as principais revistas, e ei-la que reponta aqui e ali. Ilustrada por uma fotografia, em que aparecem o governador José Aparecido e o arquiteto Oscar Niemeyer, tendo ao fundo a Catedral, circula nos Estados Unidos a reportagem de Alan Riding, através de *The New York Times*, falando sobre a capital do Brasil. Reproduzida no *International Herald Tribune*, percorre a Europa.

Como se despertasse de um sono continuado, passou a agitar-se com todo o corpo, dando sinal de vida. Antes, era apenas uma procedência, a palavra com que se iniciava a nota ou reportagem: Brasília — Ontem à tarde... Porque, como sede dos três Poderes da República e do corpo diplomático estrangeiro, tinha de figurar no despacho como um de seus componentes imprescindíveis, de acordo com aquela regrinha ministrada aos estudantes do primeiro ano de jornalismo: quem, quando, o que, onde etc.

Menos que um substantivo, era um advérbio de lugar, onde se situavam os diversos gabinetes, fontes de **press-releases**, dados oficiais, entrevistas. Hoje ela é a própria notícia. Bem verdade que, ainda no regime anterior, houve acontecimentos ruidosos que a projetaram nos meios de comunicação do Brasil e do exterior, como as medidas de emergência, as manobras militares do general Newton Cruz e sua estrondosa vitória

física sobre um repórter inerte, subjugado e forçado a lhe pedir desculpas. Mas esses foram fatos excepcionais, reflexo dos estertores do sistema. Fora disso, era a pasmaceira das terras ocupadas.

Quando perto de quarenta mil trabalhadores de serviços públicos essenciais, como saúde e ensino, entram em greve e realizaram passeatas em apoio de suas reivindicações, a cidade inteira, afetada pelo movimento, constituía a notícia. Quando milhares de pessoas, carentes de moradia e manipuladas por grupos com interesses políticos e econômicos, invadiram terrenos públicos em duas cidades-satélites e aí instalaram seus barracos, era a capital do Brasil, mais uma vez, que entrava no noticiário local e nacional.

Figuras internacionais, como Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, voltaram a pisar o

solo brasiliense e a remexer nas coisas; a reportagem não poderia deixar de tomar conhecimento. Por exigência de Oscar, foi retirado do magnífico Palácio do Itamarati um toldo horrível que o deformava. Na cidade-dormitório de Ceilândia, ele viu imensa cratera, resultado da erosão e que se expandia mais e mais, de forma ameaçadora, e propôs utilizá-la para criação de um teatro ao ar livre. A solução foi considerada elitista por alguns cronistas, ao entenderem que há necessidades mais prementes a atender. Em seu elitismo, eles acham que para o homem do povo não é importante divertir-se.

De todo modo, problemas como esse, fundamentalmente urbanos, produziram polémicas, sacudiram a apatia. Mais polémico, com repercussão nos principais centros brasileiros, é o caso da ciclovia, outra proposta de Niemeyer, enquadrada

no plano original de Lúcio Costa. Um calçadão à beira do Lago Paranoá, cortando terras irregularmente ocupadas por proprietários de mansões, será benefício para muitos, do ponto de vista do lazer, mas gera protestos de uns poucos. Invasores de terra de colarinho branco apropriam-se de um bem público e não querem devolvê-lo. Vão ter que devolver.

Já Lúcio Costa constatou que as administrações anteriores mostravam muita preocupação em separar do núcleo do Distrito Federal, o Plano Piloto, os que o construíram, quando a idéia inicial era manter na mesma urbe também os de renda mais baixa. Isto é, os candangos, que se erguem simbolicamente na "Praça dos Três Poderes", na majestosa escultura de Bruno Giorgi, foram expulsos para a periferia, para as cidades-dormitórios. Assim, entre Brasília propriamente dita e os demais aglomerados urbanos da capital brasileira existem longos trechos vazios. O projeto do urbanista é aproveitá-los para a construção de quadras, no sentido das superquadras de Brasília, com prédios de apenas três pavimentos, sobre pilotis baixos, para pequenos funcionários e trabalhadores de modo geral.

Aprovado pelo Governo, o projeto vai avante.

Mas a notícia maior em que Brasília se converteu, e cuja repercussão ainda não terminou, é a da elucidação do assassinato do jornalista Mário Eugênio, tido antes como misterioso e insolúvel.

